

CURSO DE REDAÇÃO PROFESSOR RÓGI

OFICINA DE INTERAÇÃO-LITERATURA & REDAÇÃO

MINISTRANTE: PROFESSORA CONCEIÇÃO NERI

MATERIAL COMPLEMENTAR 1 -O BRASILEIRO FRENTE À POLÍTICA

A obra de Machado de Assis é rica em alusões que servem tanto para reconstituirmos o clima político do século passado, do Segundo Império, como também para mostrar que uma série de vícios da política brasileira de hoje já existiam naquela época: a fraude eleitoral, o tráfico de influência, os conchavos dissimulados, a mudança de opinião pelo simples interesse pessoal. Para refletirmos sobre a política e suas várias facetas, façamos a leitura do conto "A Sereníssima República."

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTO

A sereníssima República (Conto de Papéis Avulsos), de Machado de Assis

Publicado primeiramente na "Gazeta de Notícias" em 20 de agosto de 1882, depois incluído no livro *Papéis avulsos*, "A Sereníssima República" é mais um daqueles contos de Machado de Assis em que parece ter, à primeira vista (e só à primeira vista...), um sentido restrito — no caso, "as nossas alternativas eleitorais" — que é logo captado e entendido por qualquer leitor, não obstante a forma alegórica como elas são mostradas.

A história começa com um narrador que pede atenção para uma descoberta da ciência brasileira superior a uma outra, promovida por um sábio inglês, que teria sido publicada em *O Globo* — jornal republicano e de orientação cientificista. A propósito, John Gledson observa que é bastante provável que o artigo mencionado no conto não tenha existido e conclui que a citação desse artigo é uma sátira contra *O Globo*. E é considerando o contexto dessa sátira ao cientificismo do jornal *O Globo* que Machado questiona o materialismo científico em voga na época quando faz o cônego Vargas embasar a sua descoberta numa citação de Darwin e Büchner, reputando-os "sábios de primeira ordem", mas sem absolver "as teorias gratuitas e errôneas do materialismo". Frise-se: Machado questiona, mas, como era seu costume, não se posiciona, deixa a questão em aberto. Em um primeiro nível de significação, a narrativa do cônego Vargas pode ser lida como uma tentativa de valorizar a produção científica nacional e como um questionamento do materialismo científico em voga no final do século XIX.

Como não poderia deixar de ser em Machado, o conto é uma crítica: crítica ao processo eleitoral, feita como um discurso de um cônego, que afirma ter achado uma espécie de aranha

que fala, e ter criado uma sociedade delas, chamada "Sereníssima República". Ele escolhe o sistema de eleição baseado no da República de Veneza, onde se retirava de um saco bolas com o nome dos eleitos. Este sistema vai sendo fraudado pelas aranhas, corrigindo-se, adaptando-se e variando-se diversas vezes e de diversos modos, eternamente corrupto.

Na vigorosa sátira política ao sistema eleitoral brasileiro formulada por Machado, o cônego Vargas tenta, com sucessivos experimentos, dar organização social às aranhas. O conto termina sem que essa pretensão tenha sucesso, uma vez que as facções políticas e individualidades em confronto sempre darão um jeito de burlar os sistemas eleitorais instituídos. Roberto Da Matta, aliás, é um dos admiradores entusiastas desse conto e certa feita sentenciou: *"como diria um dos meus escritores brasileiros favoritos, o velho Machado de Assis, 'a sereníssima República do Brasil' continua repousando em berço esplêndido, tocada pelas mesmas sestras que transformavam o Brasil nas leis e não nas suas práticas sociais mais arraigadas"*. Até aí, tudo bem, dentro de certas normalidade e formalidade narrativas. Mas trata-se de Machado, afinal, e recomenda-se ao leitor cuidadosa leitura, prestar atenção ao articulado processo político que está sendo construído, principalmente, quando o narrador lança mão de recursos que podem provocar "audaciosas interpretações...".

E como se trata de Machado, nada é somente o que parece ser, à primeira vista e à primeira leitura: seu contumaz narrador — em primeira-pessoa —, a par da crítica política, faz uma inquirição a respeito da alma exterior do homem. Por meio de uma alegoria eleitoral, sob a forma de uma conferência de um cientista, Machado discursa a respeito do homem e da sociedade que ele constrói — algo como *sendo o homem de múltiplas faces, cabe buscar a perfeição, tentar driblar a própria natureza; para tanto, não importam os outros, e sim seu interesse pessoal*, e aqui manifesta-se, mais uma vez, um tema caro a Machado: a discussão sobre a Ciência e a Filosofia, já feita por exemplo em *O alienista* e em contos como "A causa secreta" — ambos críticos com relação às correntes filosóficas em voga na segunda metade do século XIX (o determinismo, o cientificismo, etc.) e como a ciência (aliada ao poder político) pode levar o homem a *perder na variedade inexplicável dos indivíduos*.

Mas como sempre em Machado, também em "A Sereníssima República" pode-se perceber a intenção do autor em analisar as cruéis relações de dominação entre seres iguais, todos subjugados por um sistema político e social marcado pelo autoritarismo, mas que não hesitam em reproduzir e legitimar a opressão de que são vítimas.

E *ad eternum*, o que mais interessa a Machado não é a denúncia explícita e panfletária de certos males da sociedade brasileira, como o sistema político e eleitoral, as diferenças sociais, a escravidão ou a violência, mas retratar (e levar o leitor à reflexão) o modo pelo qual esses males se agregam ao cotidiano das relações humanas.

Como todos sabemos, o que de mais significativo se extrai da leitura dos contos de Machado de Assis é a impossibilidade de respostas prontas e acabadas diante do mistério essencial que habita o ser humano e que responde pela motivação de muitos de seus atos.

LEIA O CONTO NA ÍNTEGRA:

A SERENÍSSIMA REPÚBLICA

(Conferência do cônego Vargas)

Meus senhores,

Antes de comunicar-vos uma descoberta, que reputo de algum lustre para o nosso país, deixai que vos agradeça a prontidão com que acudisses ao meu chamado. Sei que um interesse superior vos trouxe aqui; mas não ignoro também, — e fora ingratitude ignorá-lo, — que um pouco de simpatia pessoal se mistura à vossa legítima curiosidade científica. Oxalá possa eu corresponder a ambas.

Minha descoberta não é recente; data do fim do ano de 1876. Não a divulguei então, — e, a não ser o *Globo*, interessante diário desta capital, não a divulgaria ainda agora, — por uma razão que achará fácil entrada no vosso espírito. Esta obra de que venho falar-vos, carece de retoques últimos, de verificações e experiências complementares. Mas o *Globo* noticiou que um sábio inglês descobriu a linguagem fônica dos insetos, e cita o estudo feito com as moscas. Escrevi logo para a Europa e aguardo as respostas com ansiedade. Sendo certo, porém, que pela navegação aérea, invento do padre Bartolomeu, é glorificado o nome estrangeiro, enquanto o do nosso patrício mal se pode dizer lembrado dos seus naturais, determinei evitar a sorte do insigne Voador, vindo a esta tribuna, proclamar alto e bom som, à face do universo, que muito antes daquele sábio, e fora das ilhas britânicas, um modesto naturalista descobriu coisa idêntica, e fez com ela obra superior.

Senhores, vou assombrar-vos, como teria assombrado a Aristóteles, se lhe perguntasse: Credes que se possa dar um regime social às aranhas? Aristóteles responderia negativamente, com vós todos, porque é impossível crer que jamais se chegasse a organizar socialmente esse articulado arisco, solitário, apenas disposto ao trabalho, e dificilmente ao amor. Pois bem, esse impossível fi-lo eu.

Ouçõ um riso, no meio do sussurro de curiosidade. Senhores, cumpre vencer os preconceitos. A aranha parece-vos inferior, justamente porque não a conheceis. Amais o cão, prezais o gato e a galinha, e não advertis que a aranha não pula nem ladra como o cão, não mia como o gato, não cacareja como a galinha, não zune nem morde como o mosquito, não nos leva o sangue e o sono como a pulga. Todos esses bichos são o modelo acabado da vadiação e do parasitismo. A mesma formiga, tão gabada por certas qualidades boas, dá no nosso açúcar e nas nossas plantações, e funda a sua propriedade roubando a alheia. A aranha, senhores, não nos aflige nem defrauda; apanha as moscas, nossas inimigas, fia, tece, trabalha e morre. Que melhor exemplo de paciência, de ordem, de previsão, de respeito e de humanidade? Quanto aos seus talentos, não há duas opiniões. Desde Plínio até Darwin, os naturalistas do mundo inteiro formam um só coro de admiração em torno desse bichinho, cuja maravilhosa teia a vassoura inconsciente do vosso criado destrói em menos de um minuto. Eu repetiria agora esses juízos, se me sobrasse tempo; a matéria, porém, excede o prazo, sou estrangido a abreviá-la. Tenho-os aqui, não todos, mas quase todos; tenho, entre eles, esta excelente monografia de Büchner, que com tanta subtilidade estudou a vida psíquica dos animais. Citando Darwin e Büchner, é claro que me restrinjo à homenagem cabida a dois sábios de primeira ordem, sem de nenhum modo absolver (e as minhas vestes o proclamam) as teorias gratuitas e errôneas do materialismo.

Sim, senhores, descobri uma espécie araneida que dispõe do uso da fala; coligi alguns, depois muitos dos novos articulados, e organizei-os socialmente. O primeiro exemplar dessa aranha maravilhosa apareceu-me no dia 15 de dezembro de 1876. Era tão vasta, tão colorida, dorso rubro, com listras azuis, transversais, tão rápida nos movimentos, e às vezes tão alegre, que de todo me cativou a atenção. No dia seguinte vieram mais três, e as quatro tomaram posse de um recanto de minha chácara. Estudei-as longamente; achei-as admiráveis. Nada, porém, se pode comparar ao pasmo que me causou a descoberta do idioma araneida, uma língua, senhores, nada menos que uma língua rica e variada, com a sua estrutura sintáctica, os seus verbos, conjugações, declinações, casos latinos e formas onomatopaicas, uma língua que estou gramaticando para uso das academias, como o fiz sumariamente para meu próprio uso. E fi-lo, notai bem, vencendo dificuldades aspérrimas com uma paciência extraordinária. Vinte vezes desanimei; mas o amor da ciência dava-me forças para arremeter a um trabalho que, hoje declaro, não chegaria a ser feito duas vezes na vida do mesmo homem.

Guardo para outro recinto a descrição técnica do meu arácnide, e a análise da língua. O objeto desta conferência é, como disse, ressaltar os direitos da ciência brasileira, por meio de um protesto em tempo; e, isto feito, dizer-vos a parte em que reputo a minha obra superior à do sábio de Inglaterra. Devo demonstrá-lo, e para este ponto chamo a vossa atenção.

Dentro de um mês tinha comigo vinte aranhas; no mês seguinte cinqüenta e cinco; em março de 1877 contava quatrocentas e noventa. Duas forças serviram principalmente à empresa de as congregar: — o emprego da língua delas, desde que pude discerni-la um pouco, e o sentimento de terror que lhes infundi. A minha estatura, as vestes talaes, o uso do mesmo idioma, fizeram-lhes crer que era eu o deus das aranhas, e desde então adoraram-me. E vede o benefício desta ilusão. Como as acompanhasse com muita atenção e miudeza, lançando em um livro as observações que fazia, cuidaram que o livro era o registro dos seus pecados, e fortaleceram-se ainda mais na prática das virtudes. A flauta também foi um grande auxiliar. Como sabeis, ou deveis saber, elas são doidas por música.

Não bastava associá-las; era preciso, dar-lhes um governo idôneo. Hesitei na escolha; muitos dos atuais pareciam-me bons, alguns excelentes, mas todos tinham contra si o existirem. Explico-me. Uma forma vigente de governo ficava exposta a comparações que poderiam amesquinhá-la. Era-me preciso, ou achar uma forma nova, ou restaurar alguma outra abandonada. Naturalmente adotei o segundo alvitre, e nada me pareceu mais acertado do que uma república, à maneira de Veneza, o mesmo molde, e até o mesmo epíteto. Obsoleto, sem nenhuma analogia, em suas feições gerais, com qualquer outro governo vivo, cabia-lhe ainda a vantagem de um mecanismo complicado, — o que era meter à prova as aptidões políticas da jovem sociedade.

Outro motivo determinou a minha escolha. Entre os diferentes modos eleitorais da antiga Veneza, figurava o do saco e bolas, iniciação dos filhos da nobreza no serviço do Estado. Metiam-se as bolas com os nomes dos candidatos no saco, e extraía-se anualmente um certo número, ficando os eleitos desde logo aptos para as carreiras públicas. Este sistema fará rir aos doutores do sufrágio; a mim não. Ele exclui os desvarios da paixão, os desazos da inépcia, o congresso da corrupção e da cobiça. Mas não foi só por isso que o aceitei; tratando-se de um povo tão exímio na fiação de suas teias, o uso do saco eleitoral era de fácil adaptação, quase uma planta indígena.

A proposta foi aceita. Sereníssima República pareceu-lhes um título magnífico, roçagante, expansivo, próprio a engrandecer a obra popular.

Não direi, senhores, que a obra chegou à perfeição, nem que lá chegue tão cedo. Os meus pupilos não são os solários de Campanella ou os utopistas de Morus; formam um povo recente, que não pode trepar de um salto ao cume das nações seculares. Nem o tempo é operário que ceda a outro a lima ou o alvião; ele fará mais e melhor do que as teorias do papel, válidas no papel e mancas na prática. O que posso afirmar-vos é que, não obstante as incertezas da idade, eles caminham, dispondo de algumas virtudes, que presumo essenciais à duração de um Estado. Uma delas, como já disse, é a perseverança, uma longa paciência de Penélope, segundo vou mostrar-vos.

Com efeito, desde que compreenderam que no ato eleitoral estava a base da vida pública, trataram de o exercer com a maior atenção. O fabrico do saco foi uma obra nacional. Era um saco de cinco polegadas de altura e três de largura, tecido com os melhores fios, obra sólida e espessa. Para compô-lo foram aclamadas dez damas principais, que receberam o título de mães da república, além de outros privilégios e foros. Uma obra-prima, podeis crê-lo. O processo eleitoral é simples. As bolas recebem os nomes dos candidatos, que provarem certas condições, e são escritas por um oficial público, denominado "das inscrições". No dia da eleição, as bolas são metidas no saco e tiradas pelo oficial das extrações, até perfazer o número dos elegendos. Isto que era um simples processo inicial na antiga Veneza, serve aqui ao provimento de todos os cargos.

A eleição fez-se a princípio com muita regularidade; mas, logo depois, um dos legisladores declarou que ela fora viciada, por terem entrado no saco duas bolas com o nome do mesmo candidato. A assembléia verificou a exatidão da denúncia, e decretou que o saco, até ali de três polegadas de largura, tivesse agora duas; limitando-se a capacidade do saco, restringia-se o espaço à fraude, era o mesmo que suprimi-la.

Aconteceu, porém, que na eleição seguinte, um candidato deixou de ser inscrito na competente bola, não se sabe se por descuido ou intenção do oficial público. Este declarou que não se lembrava de ter visto o ilustre candidato, mas acrescentou nobremente que não era impossível que ele lhe tivesse dado o nome; neste caso não houve exclusão, mas distração. A assembléia, diante de um fenômeno psicológico inelutável, como é a distração, não pôde castigar o oficial; mas, considerando que a estreiteza do saco podia dar lugar a exclusões odiosas, revogou a lei anterior e restaurou as três polegadas.

Nesse ínterim, senhores, faleceu o primeiro magistrado, e três cidadãos apresentaram-se candidatos ao posto, mas só dois importantes, Hazeroth e Magog, os próprios chefes do partido retilíneo e do partido curvilíneo. Devo explicar-vos estas denominações. Como eles são principalmente geômetras, é a geometria que os divide em política. Uns entendem que a aranha deve fazer as teias com fios retos, é o partido retilíneo; — outros pensam, ao contrário, que as teias devem ser trabalhadas com fios curvos, — é o partido curvilíneo. Há ainda um terceiro partido, misto e central, com este postulado: — as teias devem ser urdidas de fios retos e fios curvos; é o partido reto-curvilíneo; e finalmente, uma quarta divisão política, o partido antirretocurvilíneo, que fez tábua rasa de todos os princípios litigantes, e propõe o uso de umas teias urdidas de ar, obra transparente e leve, em que não há linhas de espécie alguma. Como a geometria apenas poderia dividi-los, sem chegar a apaixoná-los, adotaram uma simbólica. Para uns, a linha reta exprime

os bons sentimentos, a justiça, a probidade, a inteireza, a constância etc., ao passo que os sentimentos ruins ou inferiores, como a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia, são perfeitamente curvos. Os adversários respondem que não, que a linha curva é a da virtude e do saber, porque é a expressão da modéstia e da humildade; ao contrário, a ignorância, a presunção, a toleima, a parlapatice, são retas, duramente retas. O terceiro partido, menos anguloso, menos exclusivista, desbastou a exageração de uns e outros, combinou os contrastes, e proclamou a simultaneidade das linhas como a exata cópia do mundo físico e moral. O quarto limita-se a negar tudo.

Nem Hazeroth nem Magog foram eleitos. As suas bolas saíram do saco, é verdade, mas foram inutilizadas, a do primeiro por faltar a primeira letra do nome, a do segundo por lhe faltar a última. O nome restante e triunfante era o de um argentário ambicioso, político obscuro, que subiu logo à poltrona ducal, com espanto geral da república. Mas os vencidos não se contentaram de dormir sobre os louros do vencedor; requereram uma devassa. A devassa mostrou que o oficial das inscrições intencionalmente viciara a ortografia de seus nomes. O oficial confessou o defeito e a intenção; mas explicou-os dizendo que se tratava de uma simples elipse; delito, se o era, puramente literário. Não sendo possível perseguir ninguém por defeitos de ortografia ou figuras de retórica, pareceu acertado rever a lei. Nesse mesmo dia ficou decretado que o saco seria feito de um tecido de malhas, através das quais as bolas pudessem ser lidas pelo público, e, ipso facto, pelos mesmos candidatos, que assim teriam tempo de corrigir as inscrições.

Infelizmente, senhores, o comentário da lei é a eterna malícia. A mesma porta aberta à lealdade serviu à astúcia de um certo Nabiga, que se conchavou com o oficial das extrações, para haver um lugar na assembléia. A vaga era uma, os candidatos três; o oficial extraiu as bolas com os olhos no cúmplice, que só deixou de abanar negativamente a cabeça, quando a bola pegada foi a sua. Não era preciso mais para condenar a idéia das malhas. A assembléia, com exemplar paciência, restaurou o tecido espesso do regime anterior; mas, para evitar outras elipses, decretou a validação das bolas cuja inscrição estivesse incorreta, uma vez que cinco pessoas jurassem ser o nome inscrito o próprio nome do candidato.

Este novo estatuto deu lugar a um caso novo e imprevisto, como ides ver. Tratou-se de eleger um coletor de espórtulas, funcionário encarregado de cobrar as rendas públicas, sob a forma de espórtulas voluntárias. Eram candidatos, entre outros, um certo Caneca e um certo Nebraska. A bola extraída foi a de Nebraska. Estava errada, é certo, por lhe faltar a última letra; mas, cinco testemunhas juraram, nos termos da lei, que o eleito era o próprio e único Nebraska da república. Tudo parecia findo, quando o candidato Caneca requereu provar que a bola extraída não trazia o nome de Nebraska, mas o dele. O juiz de paz deferiu ao peticionário. Veio então um grande filólogo, — talvez o primeiro da república, além de bom metafísico, e não vulgar matemático, — o qual provou a coisa nestes termos:

— Em primeiro lugar, disse ele, deveis notar que não é fortuita a ausência da última letra do nome Nebraska. Por que motivo foi ele inscrito incompletamente? Não se pode dizer que por fadiga ou amor da brevidade, pois só falta a última letra, um simples a. Carência de espaço? Também não; vede: há ainda espaço para duas ou três sílabas. Logo, a falta é intencional, e a intenção não pode ser outra, senão chamar a atenção do leitor para a letra *k*, última escrita, desamparada, solteira, sem sentido. Ora, por um efeito mental, que nenhuma lei destruiu, a letra reproduz-se no cérebro de dois modos, a

forma gráfica e a forma sônica: *k* e *ca*. O defeito, pois, no nome escrito, chamando os olhos para a letra final, incrusta desde logo no cérebro, esta primeira sílaba: *Ca*. Isto posto, o movimento natural do espírito é ler o nome todo; volta-se ao princípio, à inicial *ne*, do nome *Nebrask*. — *Cané*. — Resta a sílaba do meio, *bras*, cuja redução a esta outra sílaba *ca*, última do nome *Caneca*, é a coisa mais demonstrável do mundo. E, todavia, não a demonstrarei, visto faltar-vos o preparo necessário ao entendimento da significação espiritual ou filosófica da sílaba, suas origens e efeitos, fases, modificações, conseqüências lógicas e sintáticas, dedutivas ou indutivas, simbólicas e outras. Mas, suposta a demonstração, aí fica a última prova, evidente, clara, da minha afirmação primeira pela anexação da sílaba *ca* às duas *Cane*, dando este nome *Caneca*.

A lei emendou-se, senhores, ficando abolida a faculdade da prova testemunhal e interpretativa dos textos, e introduzindo-se uma inovação, o corte simultâneo de meia polegada na altura e outra meia na largura do saco. Esta emenda não evitou um pequeno abuso na eleição dos alcaides, e o saco foi restituído às dimensões primitivas, dando-se-lhe, todavia, a forma triangular. Compreendeis que esta forma trazia consigo, uma conseqüência: ficavam muitas bolas no fundo. Daí a mudança para a forma cilíndrica; mais tarde deu-se-lhe o aspecto de uma ampulheta, cujo inconveniente se reconheceu ser igual ao triângulo, e então adotou-se a forma de um crescente etc. Muitos abusos, descuidos e lacunas tendem a desaparecer, e o restante terá igual destino, não inteiramente, decerto, pois a perfeição não é deste mundo, mas na medida e nos termos do conselho de um dos mais circunspectos cidadãos da minha república, Erasmus, cujo último discurso sinto não poder dar-vos integralmente. Encarregado de notificar a última resolução legislativa às dez damas incumbidas de urdir o saco eleitoral, Erasmus contou-lhes a fábula de Penélope, que fazia e desfazia a famosa teia, à espera do esposo Ulisses.

— Vós sois a Penélope da nossa república, disse ele ao terminar; tendes a mesma castidade, paciência e talentos. Refazei o saco, amigas minhas, refazei o saco, até que Ulisses, cansado de dar às pernas, venha tomar entre nós o lugar que lhe cabe. Ulisses é a Sapiência.

PARA SABER MAIS:

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS PRESENTES NO CONTO "A SERENÍSSIMA REPÚBLICA"

Aristóteles (384 a.C)

- Para Aristóteles o homem é o único animal capaz de agir orientado por uma **moral**.
- É constituído também de **desejos e paixões**, no entanto é a **razão** que deverá guiar suas ações.
- **O homem é um animal político**. Todo homem deve ser capaz de viver em sociedade.
- A sociedade precede o indivíduo. O todo precede a parte.



www.educarbrasil.org.br

Tomás Campanella (1568 - 1639)

A filosofia para Campanella é interpretar a natureza, que é onde Deus colocou sua expressão. Além de nós mesmos devemos conhecer a natureza, mas conhecer a si mesmo não é uma obrigação para conhecer a natureza, pois toda natureza sabe que existe e sente em si mesma a sua existência. Esse saber-se existente é uma característica inata das coisas naturais. Além do saber inato da própria existência as coisas sabem também que existem outras coisas diferentes de si, esse conhecimento da existência de outras coisas vem do contato. As pessoas não sentem o calor ou o frio, sentem a modificação que sofrem em si mesmas causadas pelo contato com o calor ou com o frio.

Quando conhecemos algo somos também modificados por esse algo, esse algo nos transforma e deixamos de ser o que éramos. A coisa que conhecemos transfere para nós algo que não tínhamos, nós ganhamos conhecimento, mas ao mesmo tempo perdemos, pois morreu em nós algo e no local desse algo foi colocada parte da coisa que conhecemos. Todas as coisas, inclusive as materiais como as pedras, tem a capacidade de sentir, pois todas tem em si um espírito que também é material. O homem se distingue do restante das coisas materiais por ter, além da alma material, também uma alma espiritual que nos é dada por Deus.

As coisas no mundo tem basicamente três características: potência, que é a capacidade de ser e ter qualidades que ainda não é ou tem; sapiência, que é a habilidade de saber que existe e é algo; e o amor, que é o querer e gostar de ser o que é. Essas três características encontram-se mescladas umas nas outras, e o contrário delas é a impotência, a insapiência e o ódio. Todas as coisas finitas têm em si as características e o contrário delas. Em Deus não existem as características negativas, pois ele é a máxima potência, a

máxima sapiência e o máximo amor.

O filósofo Campanella presta atenção especial à teologia política, ou à política ordenada e comandada pela religião católica. Ele busca unificar todas as religiões em uma só, a católica, que ele considera a verdadeira, natural e que segue a razão. Teoriza também a unificação de todos os estados em um só. Este estado único deveria ser direcionado pela religião. Acreditava que a religião católica tinha que retornar novamente o seu caminho natural e isso só se daria através de uma renovação, promovida pela filosofia.

Em seu livro *A Cidade do Sol*, ele exemplifica muito bem qual é sua ideia de sociedade ideal. O Estado perfeito era liderado por um príncipe sacerdote chamado de Sol. Esse príncipe tinha outros três príncipes ajudantes, Pon, Sin e Mor, que são a Potência, a Sapiência e o Amor. Em seu Estado perfeito tudo é detalhadamente organizado e os moradores desse estado utilizam a razão para organizar suas vidas. Segundo Campanella eles sabem que a propriedade privada cria o egoísmo no homem e os incentiva a lutar pela propriedade, por isso todos os bens são comuns. Todos tem que trabalhar e até os menores atos são feitos em comunidade. *A Cidade do Sol* é comunista e liderada pelos sacerdotes e sábios.

Campanella colocou como objetivo de sua existência destruir os governos tirânicos, os argumentos falsos e a hipocrisia. A filosofia é o que vai impulsionar a renovação da política e da religião e destruir todas as desgraças humanas. Através da filosofia o homem vai alcançar paz e justiça.

Dedica também estudos à magia, que ele divide em divina, como os milagres; magia natural como as curas feitas pela medicina ou o movimento das estrelas e por último a magia diabólica que são feitas pelo demônio e que se não conhecermos as diferenças entre as duas primeiras e a última, essa pode parecer milagre.

Sentenças:

- Quanto mais entendo mais ignoro.
- O mundo é uma gaiola de loucos.
- O mundo é o livro onde Deus escreveu suas ideias.
- A morte é doce para quem a vida é amarga.
- Quem tudo sabe tudo é, quem pouco sabe pouco é.
- Mais natural é a sociedade onde os bens são comuns a todos.

UTOPISTAS DE MORUS

A Utopia como um Lugar Ideal

- Utopia tem como significado mais comum a idéia de civilização ideal, imaginária, fantástica. Pode referir-se a uma cidade ou a um mundo, sendo possível tanto no futuro, quanto no presente, porém em um paralelo. A palavra foi cunhada a partir dos radicais gregos ού, "não" e τόπος, "lugar", portanto, o "não-lugar" ou "lugar que não existe".
- Utopia é o termo inventado por Thomas More que serviu de título a uma de suas obras escritas em latim por volta de 1516.
- Segundo a versão de vários historiadores, More se fascinou pelas narrações extraordinárias de Américo Vesputio sobre a recém avistada ilha de Fernando de Noronha, em 1503. More decidiu então escrever sobre um lugar novo e puro onde existiria uma sociedade perfeita.
- O "utopismo" consiste na idéia de idealizar não apenas um lugar, mas uma vida, um futuro, ou qualquer outro tipo de coisa, numa visão fantasiosa e normalmente contrária ao mundo real. O utopismo é um modo não só absurdamente otimista, mas também irreal de ver as coisas do jeito que gostaríamos que elas fossem.

PARA MACHADO, ELEIÇÃO É "VÉU DE PENÉLOPE"

Penélope, o amor que não se cansa de esperar



Penélope foi uma heroína mítica, cuja beleza não era maior que seu caráter e sua conduta. Filha de Icário, um príncipe espartano, Ulisses pediu-a em casamento conquistando-a entre muitos competidores que participaram dos jogos instituídos por seu pai. Porém depois do casamento, quando chegou o momento em que a jovem esposa deveria deixar a casa paterna, seu pai Icário não aceitando a idéia de separar-se da filha, tentou persuadi-la a permanecer ao seu lado e não acompanhar o marido a Itaca. Ulisses deixou que Penélope escolhesse e ela silenciosamente cobriu o rosto

com um véu e seguiu o marido. Icário entendeu e mandou construir uma estátua do Pudor onde se havia separado da filha.

Ulisses e Penélope haviam se casado e apenas um ano depois tiveram de separar-se em virtude da partida de Ulisses para a Guerra de Tróia. Enquanto Ulisses guerreava em outras terras e seu destino era desconhecido, o pai de Penélope sugeriu que sua filha se casasse novamente, mas por ser uma mulher apaixonada e fiel ao seu marido, recusou dizendo que o esperaria a volta de Ulisses.

Durante a longa ausência de Ulisses muitos duvidavam que ele ainda estivesse vivo ou que era improvável que algum dia retornasse. Penélope foi importunada por inúmeros pretendentes, dos quais parecia não poder livrar-se senão escolhendo um deles para esposo. Contudo, Penélope lançou mão de todos os artifícios para ganhar tempo, ainda esperançosa do regresso de Ulisses.

Um de seus artifícios foi o de alegar que estava empenhada em tecer uma tela para o dossel funerário de Laertes, pai de seu marido, comprometendo-se em fazer sua escolha entre os pretendentes quando a obra estivesse pronta. Durante o dia, aos olhos de todos, Penélope trabalhava tecendo; à noite, secretamente desfazia o trabalho feito. E a famosa "Tela de Penélope" passou a ser uma expressão proverbial, para designar qualquer coisa que está sempre sendo feita mas que nunca termina.

Porém tendo sido descoberta em seu artifício, ela propôs outra condição ao seu pai. Conhecendo a dureza do arco de Ulisses, ela afirmou que se casaria com o homem que o conseguisse encordoar. Dentre todos os pretendentes, apenas um camponês humilde conseguiu realizar a proeza. Imediatamente este camponês revelou ser Ulisses, disfarçado após seu retorno. Penélope e Ulisses tiveram apenas um filho chamado Telêmaco.

O mito de Penélope mostra uma das mais claras e populares imagens de feminilidade, da pessoa que espera pelo amor e enquanto espera, pacientemente, borda, tece, junta os fios e as cores. A referência à difícil trama dos tapetes, do desencontro dos fios e da combinação das cores, tanto nos reporta aos acontecimentos da própria existência, tecidos por uma dolorosa memória, como nos fala de criação, invenção e a possibilidade de conhecer outros caminhos.

A tela que Penélope tece tem o objetivo de protegê-la e aquecê-la. Destituída de afeto, ela tece para cuidar de si mesma em seus piores momentos de solidão e, ainda que espere por Ulisses por toda sua vida, não tece porque espera, ela tece a sua solidão, seu sentimento de abandono, de orfandade e rejeição. Enquanto espera, desfaz os pontos antigos, cria outros desenhos, novas matizes à espera de si mesma. A espera é uma contagem regressiva da esperança que Penélope coloca nos Laços e Nós de sua tapeçaria.

Os laços são os vínculos afetivos que nos unem aos outros. Com a convivência ou pela falta dela, os problemas surgem e os laços se transformam em Nós. O Nó não se forma entre o homem e a mulher, ele se forma entre o Eu e o Outro. Os Nós são os problemas existentes nos relacionamentos, os desafios de conviver com o outro. Nó é o nome que damos às crises e às dificuldades naturais das pessoas que convivem e das uniões amorosas: desencontros, brigas, medo de não ser amado, ciúmes, tédio, falta de liberdade, questões sexuais, infidelidade, problemas financeiros, divisão do

trabalho doméstico, problemas de convivência com as famílias etc.

Os nós acontecem não por falta de amor, pelo menos não necessariamente. Os Nós acontecem mesmo onde exista amor; é da natureza humana a dificuldade para se relacionar. Os seres humanos não conseguem viver sozinhos e não sabem viver juntos. E nos relacionamentos só há três a fazer: evitar que os Nós aconteçam, desfazer os Nós ou pelo menos afrouxá-los até poder desatá-los.

Evitar que os Nós aconteçam é uma tarefa que depende do cuidado amoroso, aceitando o outro como ele é, usando de criatividade para fugir da rotina. Embora sejam recomendações fáceis, são difíceis de serem praticadas, porque temos de conviver ainda com a nossa raiva, nossa insegurança, nossa agressividade e tantos outros sentimentos que convivem dentro de nós mesmos, lado a lado com os nossos bons e nobres sentimentos.

Não basta apenas ter amor para desatar os Nós entre as pessoas. O amor não desata, pois sua tendência natural é atrair, unir e ligar. Quando há sofrimento, é preciso abandonar as fantasias e adquirir habilidades para comunicar-se bem com o outro, despertando-o para uma conversa amorosa, sem discursos, xingamentos e acusações.

Nos relacionamentos é mais importante saber ouvir do que falar, porque a conversa implica em ouvir também o que o outro tem a dizer. Saber ouvir pressupõe não apenas deduzir das palavras ditas, mas observar a postura, as emoções, o tom de voz e as expressões. Quando uma pessoa fala verdadeiramente o que sente, todo o seu corpo corresponde. Essa é a magia necessária à arte de desatar os Nós que serve, principalmente, para nos sentirmos escutados, considerados e amados.

Por mais saudáveis que sejam os laços, um dia podem chegar ao fim. Isso acontece quando um dos dois desiste de investir na relação. O fim dos laços não está verdade na separação ou na ausência, porque para muitos a ausência serve para fortalecer a ligação afetiva com o outro. O fim começa quando acabam as palavras, quando se instala a indiferença. É no silêncio que terminam os relacionamentos...

NEBRASKA

Nebraska ou **Nebrasca** (em inglês: *Nebraska*) é um dos 50 estados dos Estados Unidos. Está situado nas grandes planícies norte-americanas, na região central do país. Limita-se ao norte com Dakota do Sul, a leste com Iowa e Missouri, com Kansas ao sul, com Colorado a sudoeste e Wyoming a oeste. Os alemães são o maior grupo étnico do estado, compondo 38,6% da população do Nebraska. Com um pouco mais de 200 mil quilômetros quadrados, é o 16º maior estado americano em área do país.

O produto interno bruto de Nebraska é de 68 bilhões de dólares, e a renda per capita é de 31 339 dólares. A economia do estado é baseada na agropecuária, sendo um dos maiores produtores de milho, trigo e sorgo do país, e possuindo grandes rebanhos bovinos e uma relativamente forte indústria alimentícia. A região foi explorada inicialmente por franceses e espanhóis, no século XVII, que se dedicavam ao comércio de peles. Tornou-se território em 1854 e, em 1867, tornou-se o 37º estado a entrar à União.

Nebraska é o único estado cujo Poder Legislativo é unicameral. Sua legislatura pode vetar decisões do governador com 3/5 da legislatura, enquanto na maioria dos outros estados são necessários 2/3.

O nome Nebraska é derivado de uma língua arcaica Otoe "Ñí Brásge", que significa "águas planas", em referência ao Rio Platte, um rio largo e raso que passa pelo estado.

SOBRE AS ARANHAS...

As aranhas são referência frequente na arte e mitologia, simbolizando paciência, crueldade e criatividade. A seda e os compostos químicos presentes no veneno das aranhas são considerados como potenciais fontes de matéria prima para aplicações nanotecnológicas e outros usos no campo da engenharia dos materiais e para a preparação de medicamentos e biopesticidas. Apesar da elevada prevalência da aracnofobia, apenas a picada de cerca de 30 espécies das mais de 40 000 existentes é considerada perigosa para os humanos.

AS ARANHAS NA MITOLOGIA: PURA POESIA!

Aracne, a artesã



Aracne era uma bela moça, filha de um tintureiro de lã na cidade de Colofon, e por isso bordava e tecia, tendo um grande talento para essa arte. À medida que Aracne foi tornando-se adulta, sua arte também se aperfeiçoava, e logo seus trabalhos eram disputados por todas as mulheres da cidade. Algumas mulheres vinham de longa distância para ter uma peça bordada da artesã e todas comentavam sobre a beleza de seu trabalho.

Atena, a deusa protetora das obreiras e artesãos, teve conhecimento de que todas as mulheres consideravam os bordados de Aracne melhores do que os seus. Como Deusa das Artes, Atena foi desafiada numa competição de destreza. Ambas trabalhavam com rapidez e habilidade.

Quando as tapeçarias ficaram terminadas, Atena admirou o trabalho impecável de sua competidora, mas ficou furiosa porque Aracne ousou ilustrar as desilusões amorosas de Zeus, pai de Atena, em sua tapeçaria. O tema de sua tapeçaria ocasionou a ruína de Aracne. Atena ficou furiosa e destruiu o trabalho de Aracne, transformando-a em

aranha, condenada para sempre a tecer.

O mito de Atena e Aracne mostra o comprometimento de julgamento, quando se esquece da questão principal para se preocupar com detalhes alheios aos fatos. Como defensora categórica do pai, Atena pune Aracne por tornar público o comportamento ilícito de Zeus, sem questionar o desaforo do próprio desafio.

Irritada, Atena transformou Aracne em uma aranha, mas imediatamente, Aracne começou a tecer um lindo manto de seda, cujos fios ela produzia em si mesma. E contando agora com muitos braços, tinha muito mais agilidade. E ainda que Atena tenha tentado prejudicá-la, seus talentos se multiplicaram.

Mesmo que os obstáculos da vida venham a nos transformar, são eles que devem servir de incentivo, para que possamos aprimorar nossos talentos. Mas assim como o mito, recorda que devemos nos ater apenas ao essencial, sem nos preocuparmos com fatos subjacentes que em nada acrescentam. E jamais devemos nos deter diante dos fracassos ou das injustiças, mas devemos prosseguir com fé e confiança em nós mesmos, e assim podemos tecer o melhor curso de nossa história.

OUTRAS ALUSÕES À POLÍTICA NA OBRA MACHADIANA

"O diabo que entenda os políticos."

(Diálogos e reflexões de um joalheiro)

"Enfim, contando os males e os bens da política, os bens ainda são superiores. Há ingratos, mas os ingratos demitem-se, prendem-se, perseguem-se..."

(Quincas Borba)

"Quem não sabe que ao pé de cada bandeira grande, pública, ostensiva, há muitas vezes várias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e flutuam à sombra daquela, e não poucas vezes lhe sobrevivem?"

(Memórias póstumas de Brás Cubas)

A CRÍTICA À POLÍTICA NA CANÇÃO

Inútil



Ultraje a Rigor

A gente não sabemos escolher presidente
A gente não sabemos tomar conta da gente

A gente não sabemos nem escovar os dente
Tem gringo pensando que nós é indigente

Inútil!

A gente somos inútil

A gente faz carro e não sabe guiar

A gente faz trilho e não tem trem pra botar

A gente faz filho e não consegue criar

A gente pede grana e não consegue pagar

Inútil!

A gente somos inútil

A gente faz carro e não sabe guiar

A gente faz trilho e não tem trem pra botar

A gente faz filho e não consegue criar

A gente pede grana e não consegue pagar

Inútil!

A gente somos inútil

Inútil!
A gente somos inútil

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

A gente faz carro e não sabe guiar
A gente faz trilho e não tem trem pra botar
A gente faz filho e não consegue criar
A gente pede grana e não consegue pagar

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

A gente faz música e não consegue gravar
A gente escreve livro e não consegue publicar
A gente escreve peça e não consegue encenar
A gente joga bola e não consegue ganhar

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

A gente faz música e não consegue gravar
A gente escreve livro e não consegue publicar
A gente escreve peça e não consegue encenar
A gente joga bola e não consegue ganhar

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

Que País É Este



Legião Urbana

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

No Amazonas, no Araguaia-ia-ia
Na baixada fluminense
Mato Grosso, Minas Gerais
E no Nordeste tudo em paz

Na morte eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papéis
Documentos fiéis
Ao descanso do patrão

Que país é esse?

Que país é esse?

Que país é esse?

Que país é esse?

Terceiro mundo se for

Piada no exterior

Mas o Brasil vai ficar rico

Vamos faturar um milhão

Quando vendermos todas as almas

Dos nossos índios num leilão

Que país é esse?

Que país é esse?

Que país é esse?

Que país é esse?

A profunda crise política e econômica e suas consequências para o povo

Analistas, filósofos e juristas destacam clima de descrédito, insegurança e de radicalização

*Jornal do Brasil André Borba**

Em meio às turbulências política e econômica, o brasileiro vê, pela primeira vez, políticos e representantes da elite empresarial sendo presos e condenados por crimes de corrupção. E além da turbulência política, agravada pelo afastamento de uma governante eleita democraticamente e pelas

denúncia de corrupção não apenas de líderes políticos, como do próprio presidente da Câmara dos Deputados, o desemprego no país chega a 11,2% e mostra as dificuldades também no plano econômico. Diante deste cenário de credibilidade dos governantes em xeque e de falta de perspectivas para a população, o que esperar? Qual a saída para o povo e para o país?

"Esse quadro de crise das instituições políticas e de profunda crise econômica gera muita insegurança", comentou o professor do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Paulo Baía. Para o cientista social, no entanto, o brasileiro quer interferir na vida política, como nunca antes. "A população quer participar mais da política, quer a radicalização da democracia. Essa sinalização é muito clara. Percebo que há uma vontade de uma democracia diferente desta, que é restrita. Os brasileiros não mais acreditam nesse sistema político-eleitoral", afirmou.

A desconfiança em relação às instituições não é de hoje e não se configura apenas no Brasil. "A população está cada vez mais alheia e hostil ao modelo de democracia que existe no continente. Há um desgaste da população em relação à institucionalidade política e aos partidos", explicou o professor Roberto Romano, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

Para o filósofo, as injustiças que ocorrem no cotidiano são um dos motivos para o descrédito das instituições do Estado brasileiro. "Em nenhum país do mundo há tantos privilégios para quem exerce o poder. Não conheço outro lugar do mundo em que existe uma frota de carros à disposição de representantes políticos, de vereadores a ministros, por exemplo. A marca do privilégio faz com que, no cotidiano, não se acredite na real intenção dos governantes. Fica dado que eles se beneficiam às custas da população. O cidadão comum que rouba não tem nada feito em seu favor. Já o parlamentar que desvia milhões tem o privilégio de ser julgado pelo STF. Isso é um tapa no rosto do brasileiro", argumentou Romano.

Para o professor universitário, a política institucional brasileira precisa de mudanças mais profundas que a simples troca de representantes: "Nas sessões da Comissão de Ética, os deputados se chamam de 'canalhas', debocham, faltam com respeito. No Conselho de Ética não há ética nenhuma. Eles não se importam com a moral pública. A estrutura é perversa. Não adianta mudar presidente da República nem cassar mandato do presidente da Câmara", salientou Romano.

O cenário, no entanto, não é de puro pessimismo. Ainda que a passos lentos, as reformas necessárias ocorrem, de acordo com o filósofo: "Já melhorou bastante. A Lei da Improbidade Administrativa já puniu 40% dos acusados. Diante de 500 anos de impunidade é bastante coisa, não é? Temos agora a Lei da Ficha Limpa, a Lei da Transparência... Esses são alguns passos no sentido da democracia".

O jurista Dalmo Dallari acredita que sejam necessárias duas mudanças no sistema político do Brasil. Para ele, Poder Legislativo federal precisa ser unicameral e os votos têm que ser distritais. "O Senado não tem razão de existir porque ele aparece como representante dos estados, mas o Brasil nunca teve estado. O que existiam eram províncias que mudaram de nome. Os senadores, hoje, representam grupos locais, grandes famílias. Outra necessidade são os distritos eleitorais. O candidato seria votado em área menor e o povo conheceria os seus antecedentes. Da maneira atual, há um desligamento do candidato e o povo. Falta representação", disse o advogado.

** do projeto de estágio do JB*

CHICO POLÍTICO - PARA CANTAR

Vai Passar



Chico Buarque

Vai passar
Nessa avenida um samba popular
Cada paralelepípedo
Da velha cidade
Essa noite vai
Se arrepiar
Ao lembrar
Que aqui passaram sambas imortais
Que aqui sangraram pelos nossos pés
Que aqui sambaram nossos ancestrais

Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações

Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações

Seus filhos
Erravam cegos pelo continente
Levavam pedras feito penitentes
Erguendo estranhas catedrais
E um dia, afinal
Tinham direito a uma alegria fugaz
Uma ofegante epidemia
Que se chamava carnaval
O carnaval, o carnaval
(Vai passar)

Palmas pra ala dos barões famintos
O bloco dos napoleões retintos
E os pigmeus do bulevar
Meu Deus, vem olhar
Vem ver de perto uma cidade a cantar
A evolução da liberdade
Até o dia clarear

Ai, que vida boa, olerê
Ai, que vida boa, olará
O estandarte do sanatório geral vai passar
Ai, que vida boa, olerê
Ai, que vida boa, olará
O estandarte do sanatório geral
Vai passar.

JOAQUIM SILVÉRIO: PARA REFLETIR?

AS "TENEBRASAS TRANSAÇÕES" SÃO RECENTES NA HISTÓRIA DO BRASIL ?

Joaquim Silvério dos Reis: o primeiro delator a mudar a história

- ✘ O traidor da pátria: Joaquim Silvério dos Reis, avisou o governo em troca do perdão de suas dívidas.



Instituto da delação premiada, mais vivo do que nunca na vida republicana, está presente nas próprias origens da formação do país, quando Silvério dos Reis entregou ex-aliados da Inconfidência Mineira em troca do perdão de dívidas com a Coroa, contam historiadores.

Um personagem odiado na história do Brasil emerge das profundezas neste 21 de abril rodeado de delações premiadas, denúncias de pagamento de propinas e de outras ações corruptas de políticos, empresários e executivos que vieram à tona com a Operação Lava-Jato. Trata-se do português Joaquim Silvério dos Reis Montenegro Leiria Grutes (1756-1818), conhecido nos livros como Silvério dos Reis e sinônimo de traição ao movimento ocorrido em 1788-1789, a Inconfidência ou Conjuração Mineira, liderado pelo alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (1746 a 1792).

“Ao entregar os inconfidentes à Coroa Portuguesa, com a qual estava em débito, Silvério dos Reis teve sua dívida perdoada. Fez uma denúncia por escrito e uma delação premiada, por que teve benefícios e não pagou suas dívidas à Fazenda Real. Assim, é um dos casos mais célebres de delação premiada no Brasil, embora não se possa dizer que foi o primeiro”, diz o professor de história Luiz Carlos Villalta, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao longo dos séculos, a reação da opinião pública a delatores e delatados variou, mas a prática da delação de antigos aliados em troca de benefícios, inaugurada no Brasil Colônia, avançou pela história e está mais viva do que nunca no período republicano.

Aquele que tornou conhecida a delação premiada era comandante do Regimento de Cavalaria Auxiliar de Borda do Campo, em Minas, fazendeiro, minerador e contratador de impostos (comprava em leilão o direito de arrecadar certos tributos). Silvério dos Reis integrava inicialmente o grupo que se insurgiu contra a cobrança do “quinto do ouro”, taxa em teoria de até 20% sobre a produção. Vale lembrar que, se os mineradores não pagassem ao governo 100 arrobas de ouro anuais, a Coroa Portuguesa poderia decretar a derrama, obrigando as câmaras municipais a fazer o povo pagar o valor necessário para chegar àquele total.

“Silvério dos Reis sabia de todos os passos do movimento. Numa comparação com a atualidade, seria como se o ministro da Fazenda no governo Lula, Antonio Palocci, que está preso, ou Paulo Preto, ex-assessor do ex-governador de São Paulo (SP) José Serra, soltassem a língua e contassem tudo o que sabem”, ressalta o professor e autor do livro *Brasil e a Crise no Antigo Regime Português (1788-1822)*. Guardadas as devidas proporções de tempo, espaço e valores envolvidos, Villalta afirma que o traidor dos conjurados mineiros e os executivos de empreiteiras como a Odebrecht têm em comum e tiveram como alvo “a apropriação privada do que é público”.

“Com a delação, o português não pagou as dívidas à Coroa. Ele era um contratador de impostos endividado e usou isso a seu favor”, observa. “Já os donos e diretores de grandes empreiteiras e antigos executivos da Petrobras, que é de capital misto, estão envolvidos num sistema em que a

coisa pública é apropriada para fins privados. Em ambas as situações, no século 18 e 21, o interesse é o ganho ilícito.”

Leia a gora o Romance XXXIV ou de Joaquim Silvério, extraído da obra Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles

Romance XXXIV ou de Joaquim Silvério

*Melhor negócio que Judas
fazes tu, Joaquim Silvério:
que ele traiu Jesus Cristo,
tu traís um simples Alferes.
Recebeu trinta dinheiros...
-- e tu muitas coisas pedes:
pensão para toda a vida,
perdão para quanto deves,
comenda para o pescoço,
honras, glória, privilégios.
E andas tão bem na cobrança
que quase tudo recebes!
Melhor negócio que Judas
fazes tu, Joaquim Silvério!
Pois ele encontra remorso,
coisa que não te acomete.
Ele topa uma figueira,
tu calmamente envelheces,
orgulhoso impenitente,
com teus sombrios mistérios.
**(Pelos caminhos do mundo,
nenhum destino se perde:
há os grandes sonhos dos homens,
e a surda força dos vermes.***

(Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*.)

01. Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

- I. O emissor assume postura argumentativa ao exprimir juízos de valor sobre as ações de ambos os traidores célebres.
- II. A significação do texto constrói-se com base numa ampla comparação,

na qual se destaca crítica mais contundente à traição praticada por Joaquim Silvério.

III. O emissor enfatiza as vantagens obtidas pelos atos de Joaquim Silvério, como forma de expor sua vileza.

IV. Os versos finais, postos entre parênteses, contêm um comentário de natureza ética e generalizante que expressa o tema do texto.

Estão corretas as afirmações:

- a) I e III, apenas.
- b) II e IV, apenas.
- c) I, III e IV, apenas.
- d) II, III e IV, apenas.
- e) I, II, III e IV.

2. À vista dos traços estilísticos, é correto afirmar que o texto de Cecília Meireles

- a) representa grande inovação na construção dos versos, marcando-se sua obra por experimentalismo radical da linguagem e referência a fontes vivas da língua popular.
- b) é despida de sentimentalismo e pautada pelo culto formal expresso na riqueza das rimas e na temática de cunho social.
- c) simula um diálogo, adotando linguagem na qual predomina a função apelativa, e opta por versos brancos, de ritmo popular (caso dos versos de sete sílabas métricas).
- d) expressa sua eloqüência na escolha de temática greco-romana e nas tendências conservadoras típicas do rigor formal de sua linguagem.
- e) é de tendência descritiva e heróica, adotando a sátira para expressar a crítica às instituições sociais falidas.

3. (FUVEST) Com o próprio título indica, no *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, os romances têm como referência nuclear já frustrada rebelião na Vila Rica do Século XVIII. No entanto, deve-se reconhecer que:

- a) A base histórica utilizada no poema converte-se no lirismo transcendente e amargo que caracteriza as outras obras da autora.
- b) As intenções ideológicas da autora e a estrutura narrativa do poema emprestam ao texto as virtudes de uma elaborada prosa poética.
- c) A imaginação poética dá à autora a possibilidade de interferir no curso dos episódios essenciais da rebelião, alterando-lhes o rumo.

- d) A matéria histórica tanto alimenta a expressão poética no desenvolvimento dos fatos centrais quanto motiva o lirismo reflexivo.
e) A preocupação com a fidedignidade histórica e com o tom épico atenua o sentimento dramático da vida, habitual na poesia da autora.

CHARGES SOBRE POLÍTICA

ANALFABETO POLÍTICO???



 PENSADOR

O Analfabeto Político O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto...

Bertolt Brecht

Quem é teu inimigo



**Quem é teu inimigo?
O que tem fome e te rouba
o último pedaço de pão chama-o teu inimigo.
Mas não saltas ao pescoço
de teu ladrão que nunca teve fome.**

Autor: Bertolt Brecht (1898-1956)

Não há Vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores,
está fechado:
"não há vagas"

Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,

não fede
nem cheira

(Ferreira Gullar, in 'Antologia Poética')

PASTICHE & POLÍTICA



PARA LEMBRAR:

O **Pastiche** é uma obra literária ou artística em que se imita o estilo de outros autores, sejam escritores, pintores, músicos ou outros. É uma técnica que mescla estilos e que pode ser utilizada com sarcasmo, mas não é sua função, como ocorre no caso da paródia, que satirizara ou critica a obra de origem.

RIMANDO E SATIRIZANDO...



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**MACHADO PARA PRINCIPIANTES. ORGANIZADOR: MARCOS BAGNO. EDITORA ÁTICA.*

** ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA, DE CECÍLIA MEIRELES.*